

CIDADES

Missão Cruls

Já nem tão Formosa

Só restam 13 casas antigas na cidade centenária. Promotor pede e juíza proíbe demolições

RENATO ALVES

ENVIADO ESPECIAL

Formosa (GO) — Desbravada pelos moradores do Arraial de Santo Antônio(atual Luziânia), que fugiam da malária que dizimava a população, Formosa virou ponto de passagem de tropeiros e comerciantes. Eles acampavam em barracas de couro para vender seus produtos. Com isso, o lugarejo ganhou o nome de Arraial do Couro. Só em 1843 foi elevada à categoria de vila e passou a se chamar Vila Formosa da Imperatriz. Em 1877, virou cidade e finalmente consolidou-se com o nome de Formosa. A Missão Cruls passou por lá 15 anos depois. Encontrou o município em seu apogeu. Era porta de entrada para o nordeste brasileiro. Fazendeiros enriqueciam com criação de gado. As riquezas naturais, como a Lagoa Feia e o salto do Itiquira encherram os olhos dos pesquisadores.

Por muito tempo, casarões em estilo barroco, erguidos com madeiras nobres e telhas importadas, conservavam a história da região. Mas este patrimônio está em extinção. Em janeiro deste ano, a prefeitura fez um levantamento das casas centenárias no município. Contaram apenas 15. De lá para cá, duas foram demolidas. A última, há 15 dias. Ambas, para dar lugar a prédios residenciais, em volta da principal praça, em frente à Catedral Imaculada Conceição.

Coincidência ou não, os dois casarões foram derrubados quando o promotor de defesa do patrimônio, Frederico Augusto de Oliveira Santos, dava andamento a um processo de tombamento dos prédios históricos. Com o desmanche do casarão ao lado da catedral, onde funcionava uma sapataria, o promotor entrou com uma ação civil pública de R\$ 400 mil contra os donos do imóveis destruídos e a prefeitura. Fez também um pedido de liminar para o tombamento dos prédios históricos, a proibição de demolições, a construção de imóveis com mais de um pavimento ao redor da praça da catedral.

A juíza Grace Corrêa Pereira, da comarca de Formosa, acatou os pedidos do promotor, no dia 14 último. Fixou como pena uma multa diária de R\$ 10 mil para quem desobedecer a decisão. Mandou ainda enviar uma cópia do seu despacho para o governador de Goiás, Marconi Perillo (PSDB), para que o estado faça um levantamento das casas antigas de Formosa e tombe aquelas que tenham valor histórico, cultural e paisagístico.

O promotor Frederico Santos alega que denunciou a prefeitura por entender que o poder executivo foi omissos na defesa do patrimônio. “O último prédio demolido estava calçado com alvará da prefeitura para demolição”, conta. Ele chama a atenção para o fato da Secretaria de Cultura ter feito o censo do patrimônio em janeiro, justamente para sugerir

Wanderlei Pozzembom



ao prefeito, Sebastião Monteiro Guimarães Filho (PP), o Tião Caroço, o tombamento dos imóveis.

O secretário de Cultura de Formosa, Leônidas da Silva Pires, alega que

nada pôde fazer para evitar a destruição do patrimônio. “Os donos dos imóveis descobriram que o promotor estava movendo a ação de tombamento e derrubaram antes que ele

DESTRUIÇÃO

HÁ 15 DIAS, UMA CASA AO LADO DA CATEDRAL IMACULADA CONCEIÇÃO FOI TOMBADA

entrasse com a liminar. Fazer o quê?”. O promotor também desconfiava que vazou na cidade a notícia de que ele planejava pedir o tombamento. Mas não aceita a desculpa do secretário.

Os moradores de Formosa, principalmente os mais antigos, não estão gostando de ver o patrimônio destruído. Funcionário do município, Pécio Gonçalves de Oliveira, 48 anos, não esconde a indignação. A última casa demolida pertencia a uma tia sua. “E não foi o primeiro casarão da família destruído. Demoliram também um outro, de 170 anos”, ressalta. No entanto, ele não explica por que a família vendeu a residência.

A Lagoa Feia, a 5 km do centro da cidade, também sofre com a especulação imobiliária. Toda a sua margem foi ocupada. Do lado inverso do município, o Exército instalou um quartel. Do outro lado, comerciantes construíram hotéis, pousadas e restaurantes, que, por muito tempo, jogaram dejetos direto na lagoa. Casas estão

em construção no loteamento recém-aberto. Já o Itiquira está a salvo — pelo menos por enquanto — graças à ação do estado de Goiás, que o cercou e criou uma reserva. A entrada no parque é controlada e paga.

A comitiva, que desde o dia 10 de novembro, refaz o percurso da Missão Cruls, chega hoje a Planaltina. À tarde, será recebida pelo governador Joaquim Roriz, em Brasília. E, à noite, pelo vice-presidente do Senado, Paulo Paim (PT-RS).

Nas cidades por onde passou, a comitiva de pesquisadores fez palestras e exposição sobre o que foi a missão que explorou o Planalto Central, no final do século 19, para demarcar a área onde seria construída a nova capital do país.

O REPÓRTER RENATO ALVES E O FOTÓGRAFO WANDERLEY POZZEMBOM VIAJAM NUM DOBLÔ ADVENTURE CEDIDO PELA FIAT AUTOMÓVEIS



Crônica da Cidade

CONCEIÇÃO FREITAS // conceicao.freitas@correioweb.com.br (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

À NOITE, É MELHOR AINDA

Ela me olhou com seus dois olhos esbugalhados como quem diz: nem vem que não tem, nem adianta mentir, chega de arranjar desculpas, não me venha com meias verdades. Até tentei desviar o olhar, evitar esse confronto perscrutador, devastador, incontornável. Não tive onde fazer a curva. Ficamos, eu e ela, no vazio do estacionamento, na escuridão do sábado à noite.

Não fosse a coruja que me espreitou, com seu olhar arregalado, eu ficaria tentada a dizer que caminhar à

noite no Parque da Cidade é pedir licença ao frenesi urbano e pegar uma trilha de acesso à calmaria. Dá um certo medo, como não? Por mais que a administração garanta que há policiamento, que os holofotes estejam vibrando no alto dos postes, são 420 hectares ou 4,2 milhões de metros quadrados ou 600 campos de futebol de área verde pontilhada de quadras de esporte, churrasqueiras, quiosques, parquinhos, castelos e roda-gigante.

É preciso levar em conta que não se está 100% seguro (em algum lugar do planeta se está totalmente seguro?). O que não significa que caminhar no Parque à noite seja arriscar-se a ser ví-

tima de um crime. Não há notícias (e, tomara, nunca haja) de tragédias entre os que passeiam no início da noite ou ao nascer do dia. Para quem gosta de comparar o nosso parque com o Central Park, nunca tivemos crimes horrendos como os que ocorriam em Nova York até certo tempo atrás.

O medo, mesmo miúdo, é um convite ao desafio. No sábado passado, por exemplo, de sete a nove da noite, o Parque da Cidade era uma trilha encantada entre o céu e a terra. Um grupo de jovens, sentado na grama, tocava violão. Pai, mãe, dois filhos, um skate, um par de patins e uma senhora com jeito de sogra passeavam na pista de caminhada. Três casais de

namorados estavam sentados à beira do lago dos pedalinhos, o que me fez lembrar o impressionista *Tarde de Domingo na Ilha de Grande Jatte*, de Seurat. Uma noite de sábado no Parque da Cidade é um quadro pintado com pinceladas de realidade.

Grupos de amigos, alguns já quarentões, patinam pela pista que — àquela hora — pertence só a eles e a alguns poucos corredores e caminhantes. O balé dos patinadores vence os nove quilômetros do percurso, atravessa a noite de estrelas faiscantes e deixa pra trás o som metálico da fricção das rodas dos patins no asfalto.

Reconheço, na chuva de sons vindos das árvores e dos lagos, o som dos pa-

tos, dos passarinhos e das corujas. Mais adiante, o ronco dos corredores de kart. De longe, se vê o colorido das luzes dos brinquedos da Nicolândia — a roda-gigante apontando pro céu e pra recordações de infância. Os meninos descendo de barriga no tobogã, subindo de novo e descendo outra vez.

Toda a última sexta-feira do mês, as bruxas visitam o parque. Em noite de lua cheia, tem caminhada. Em qualquer noite, se pode fazer churrasco (sob a vigência do horário de verão, melhor ainda). E há rastros de fogueira nas quadras de areia.

O Parque da Cidade durante a noite é um sonho que se pode alcançar. Basta querer.